

WEB 2.0 E AS PRÁTICAS DE LINGUAGEM: NOVOS GÊNEROS?ⁱ

Júlio C. Araújo/Universidade Federal do Ceará
Lucas Lima de Vasconcelos/Universidade Federal do Ceará

RESUMO: As práticas de linguagem na web 2.0 demandam gêneros discursivos próprios que precisam ser sistematizados para melhor compreensão e uso. Em função dessa compreensão, o presente trabalho relata uma análise preliminar de dados oriundos de um projeto PIBIC intitulado "Práticas de linguagens na web: links entre gêneros, letramentos, hipermodalidade e convergências de mídias (Etapa I)". Nesse projeto, o objetivo foi estudar as práticas discursivas digitais para compreender os gêneros e os eventos de letramentos que emergem dessas práticas. Metodologicamente, recorreremos à produção desenvolvida por pesquisadores vinculados ao grupo de pesquisa Hiperged, do Programa de Pós-Graduação em Linguística da UFC, pois o nosso projeto faz um mapeamento das pesquisas feitas no referido grupo. Tais pesquisas correspondem à análise do fenômeno da intergenericidade no scrap do Orkut e da incorporação de características da hipertextualidade em transições de gêneros audiovisuais entre a web e a TV. A análise nos permite chegar à premissa de que a web e seu regime semiótico hipermodal influenciam sobremaneira as práticas de linguagem que ali se instauram. Tais resultados nos ajudam a colaborar com os estudos da linguagem na medida em que podem servir de base para o conhecimento e a compreensão dos fenômenos relativos às práticas de linguagens na web 2.0.

PALAVRAS-CHAVE: web 2.0; práticas de linguagem; pesquisa

ABSTRACT: Linguistic practices on web 2.0 demand specific discursive genres that need to be systematized so that they can be better comprehended and used. To achieve this comprehension, this paper reports a preliminary analysis of data that emerged from the project entitled "Linguistic practices on web: links between genres, literacies, hypermodality and media convergence (stage I)". In this project, the objective is to study discursive practices to comprehend the genres and the literacies that emerge from those practices. Methodologically, we make use of the scientific production developed by researchers who belong to the research group Hiperged, from the Post Graduation Program in Linguistics (PPGL) of UFC, because our project is a mapping of researches concluded in the mentioned group. These researches correspond to the analysis of intergenericity in scraps, from Orkut and the incorporation of hypertextual characteristics in audiovisual genres and their transition from TV to web. The results help us to collaborate with linguistic studies as well as it can serve as a basis for the improvement and comprehension of linguistic practices on web 2.0.

KEY-WORDS: web 2.0; linguistic practices; research

CONSIDERAÇÕES INICIAIS SOBRE AS GERAÇÕES DA WEB

Dentre os temas relacionados à linguagem que, na conjuntura contemporânea das pesquisas relacionadas ao ambiente digital, têm fomentado o desenvolvimento de pesquisas, podemos citar a web 2.0. Essa expressão, que tem por objetivo designar o atual estado em que a rede mundial de computadores se encontra, sinaliza para a existência de outras gerações da hipertextualidadeⁱⁱ que precederam a web 2.0, sendo cada uma dessas fases particularizada por distintas potencialidades hipertextuais.

Estipula-se que a primeira geração da hipertextualidade corresponda à não-linearidade de leitura já em livros impressos, com seus índices, remissões e notas de rodapé. Alguns autores consideram que esta não-linearidade já nos permite assegurar a existência do hipertexto impresso (COSCARRELLI, 2006; RIBEIRO, 2005; 2008). Embora haja ainda polêmica discussão entre os teóricos sobre a existência ou não de hipertexto já em suportes impressos, concordamos com Vannevar Bush (1945) que, ao construir a metáfora do pensamento humanoⁱⁱⁱ com base na não-linearidade, ratifica a existência da não-linearidade antes mesmo do surgimento da web. No entanto, foi com o advento da web 2.0 e com a conseqüente saliência da não-linearidade aos olhos dos internautas que algumas experiências que demandavam letramento(s) para lidar com essa ausência de centralidade na web instauraram-se entre as práticas habituais de nossa sociedade, como a escrita e a navegação no ambiente virtual.

Já a suposta segunda geração da hipertextualidade, também conhecida como web 1.0, era caracterizada pela instauração da tecnologia informática, em que se destaca a presença do link como um mediador entre documentos digitais diversos no ambiente virtual, materializado pela tela do computador conectada à internet. No entanto, nessa fase da web, os sites eram indexados de maneira isolada, ou seja, não havia entre eles uma interconexão que possibilitasse ao internauta migrar tão facilmente de uma página para outra (PRIMO; RECUERO, 2006). Essa fase da web dispunha de características hipertextuais mais complexas em relação à fase anterior, obviamente, mas a capacidade de armazenamento de dados ainda era limitada, além de uma inferior velocidade de transferência destes. Se comparada ao que se tem hoje no que concerne às potencialidades hipertextuais, percebemos facilmente que o ambiente digital não apresentava características hipertextuais tão elaboradas, o que, por vezes, tornava o hipertexto semelhante ao texto impresso, apenas com a inserção de um link aqui e ali. A frequência com que se encontrava tal tipologia de hipertexto fez com que eles ficassem conhecidos por alguns teóricos como textos digitalizados (cf. GOMES, 2007). Apesar de as características sobre a web 1.0 elencadas até o presente momento terem sua importância, a essência dessa fase estava justamente na escassa participação/intervenção do internauta no conteúdo digital, de forma que ele, geralmente, apenas podia acessar o conteúdo dos sites sem poder agir de forma ativa em sua produção, edição ou até na expressão de opiniões acerca do que foi acessado. Além disso, a interação com outros sujeitos conectados à rede mundial de computadores também acontecia em escala bem menor do que o que se tem hoje.

Com a web 2.0, os sites tornaram-se mais interconectados, tanto em relação às funções quanto ao conteúdo. Há uma disponibilização de links para sites semelhantes em funcionalidade ou que apresentam conteúdo complementar àquele da página em que o internauta está, o que diminui o esforço desses indivíduos ao realizarem uma pesquisa, por exemplo. A interconexão dessa fase está marcada pelo espírito colaborativo que se manifesta, sobretudo, em fenômenos de linguagens, o que requer dos internautas habilidade para lidar com novas demandas enunciativas como as *mesclas de gêneros* (LIMA-NETO, 2009) e as *reelaboraões de gêneros audiovisuais que migram entre a TV e a web* (COSTA, 2010; COSTA e ARAÚJO, 2011). Essas práticas linguísticas, que aliás constituem apenas um pequeno recorte de nossa pesquisa, mostram-nos que o estado atual da rede não é, de forma alguma, homogêneo, pois a web 2.0 apresenta elementos provenientes das três gerações da hipertextualidade que coexistem no universo digital.

Essa fase da web também é particularizada pela emergência das redes sociais como o Orkut, o Twitter, o Facebook, dentre tantas outras, que consistem em ambientes que têm por objetivo a socialização do internauta com outros sujeitos com os quais ele tem afinidades, o que mais uma vez implica na participação efetiva no ambiente virtual. É justamente essa participação ativa do internauta e sua interação com o conteúdo que constitui uma das principais características

da terceira geração da hipertextualidade. Muitas das práticas de linguagem materializadas na web 2.0 devem sua existência à natureza convidativa do ambiente, que de certa forma parece impelir o internauta à intervenção, à manipulação do conteúdo e ao desenvolvimento de si mesmo como coautor dentro do universo digital. Como exemplo, o caráter inovador e o *frisson* causados outrora pela possibilidade de publicação em ambiente digital cedeu lugar ao caráter colaborativo da interação entre os internautas, que podem intervir e (re)construir um determinado sistema. A wikipédia^{iv} é um exemplo disso, um sistema em que internautas registrados podem alterar o conteúdo do site e atualizar as informações disponibilizadas nessa “enciclopédia digital”. Os blogs também são exemplos dessa nova geração da web, na medida em que, por meio desse gênero, o internauta pode não apenas postar mensagens, mas também retrucá-las por meio das ferramentas de comentários (LIMA, 2008).

Essa intensa intervenção confere uma essência *beta eterna* (PRIMO; RECUERO, 2006; AQUINO, 2007) à web 2.0^v. Em outras palavras, a web 2.0 dispõe de uma estrutura denominada por O’Reilly (2005) como “arquitetura de participação”, na qual os dados dos ambientes virtuais podem ser transformados, alterados de acordo com as necessidades dos usuários, para atendê-los. Dessa forma, os internautas tornam-se, juntamente com o criador/produzidor do site, agentes construtores, que encaram o hipertexto como um produto constantemente passível de alteração, intercalando, assim, as noções de processo e de produto.

A partir da constatação dessa ativa participação dos internautas na construção do conteúdo da internet, decidimos empreender uma pesquisa com o objetivo mais amplo de, com base nas produções desenvolvidas no âmbito do grupo Hiperged^{vi}, analisar práticas de linguagem emergentes da web 2.0. Esse objetivo nasceu das seguintes questões: *Como o fenômeno mescla de gêneros manifesta-se no scrap do Orkut? Como a reelaboração de gêneros acontece na transição de conteúdo audiovisual entre a TV e o site YouTube?*

Portanto, é o estudo do redimensionamento das práticas de linguagem acima citadas, quando transpostas para a web 2.0, que dá forma ao trabalho, cuja distribuição retórica das informações assume a seguinte organização. Após essa introdução, mostramos as nossas decisões metodológicas para, subsequentemente, com base nos dados, verificarmos as mesclas genéricas que permeiam o scrap do Orkut. Em seguida, debruçamo-nos sobre a reelaboração de gêneros que permeia a transição de vídeos entre a TV e o YouTube. Finalmente, não asseguramos que encontraremos respostas conclusivas para as questões aqui propostas, mas tentaremos articular os dados de que dispomos para construir reflexões que sejam pertinentes à realidade da web 2.0 e às práticas de linguagem que nela se efetivam, de forma a contribuir para estudos futuros.

1 SOBRE TRANSMUTAÇÃO E REELABORAÇÃO DE GÊNEROS

O conceito de transmutação foi primariamente cunhado por Bakhtin ([1979] 2006) para designar o processo pelo qual um gênero é potencialmente capaz de assimilar outro, gerando assim o surgimento de formas genéricas híbridas ou mesmo novos gêneros. Bakhtin descreve o seguinte exemplo para ilustrar tal conceito: o romance, um gênero secundário, pode assimilar a carta, um gênero primário, para atender a um determinado propósito, fenômeno este a que ele dá o nome de transmutação. Para este autor, a justificativa para o fenômeno da transmutação estava justamente na complexificação das esferas discursivas, o que fazia surgir novas demandas enunciativas e,

portanto, tal fenômeno ocorria com o intuito de satisfazer essas necessidades comunicativas nas práticas de linguagem.

Araújo (2006) também faz uso do conceito bakhtiniano de transmutação ao analisar o chat e caracterizá-lo como uma constelação de gêneros. Este autor recorreu a fenômenos da Física e da Biologia para dar maior suporte à sua argumentação e, conseqüentemente, fazer conexões com a Linguística. Ao mencionar experimentos de cientistas para a produção de energia nuclear, práticas essas que são possibilitadas apenas pela intervenção humana, Araújo coloca em foco o protagonismo do homem nas mudanças genéricas. No entanto, ao fazer relação com a teoria de Darwin da seleção natural das espécies, que pode ocorrer de forma induzida ou de forma natural, cria-se uma ambigüidade para o termo transmutação, que neste momento passa a abarcar fenômenos que ocorrem com ou sem a ação humana, como bem ressalta Costa (2010).

O gênero editorial também é estudado por Zavam (2009) à luz do conceito de transmutação. Para tanto, a pesquisadora propõe a criação de subdivisões ou sub-instâncias para este conceito. A autora refuta uma uniformidade para esse fenômeno e assegura a ocorrência de maneiras distintas, o que dá margem à seguinte categorização: a transmutação pode ser caracterizada como *inovadora* quando o gênero comporta transformações dentro de si mesmo, o que caracteriza um processo de autorrecriação, sem necessariamente suscitar a criação de um novo gênero textual, o que acontece quando ela é *criadora*. Em uma segunda instância, a transmutação pode ser *externa/intergenérica* ao envolver a inserção de um gênero do discurso em outro, da mesma esfera discursiva ou não, ou pode ser *interna/intragenérica*, quando as transformações dentro do gênero são resultados de fatores que as impulsionam como a mudança de esfera, de propósito comunicativo, de *midium*, etc.

Apesar da significativa contribuição do trabalho de Zavam (2009), a própria autora ainda o define como “o fenômeno que rege a possibilidade de transformar e ser transformado a que os gêneros do discurso estariam inexoravelmente submetidos.” (p. 55). Portanto, vemos que a esta pesquisadora não atentou para a ambigüidade já presente no trabalho de Araújo (2006) sobre o protagonismo humano nos fenômenos que dizem respeito aos gêneros.

O conceito de transmutação também foi utilizado como aporte teórico por Lima-Neto (2009) quando esse utilizou o scrap do Orkut e classificou-o como um gênero. Segundo o autor, o scrap é um gênero que dispõe de tamanha volatilidade e maleabilidade que é capaz de suscitar diferentes tipos de mesclas de gêneros. Essas mesclas foram catalogadas e caracterizadas de acordo com as relações estabelecidas entre os gêneros envolvidos, como por exemplo, na *mescla de gêneros por co-ocorrência*, em que não há uma bricolagem entre os gêneros, ou seja, eles não se fundem, mas apenas co-ocorrem para atender a um determinado propósito comunicativo através da rede social Orkut. Portanto, Lima-Neto (2009) também não identificou a ambigüidade que permeava o conceito com o qual trabalhou, lacuna essa que foi apropriadamente resolvida na dissertação de mestrado de Costa (2010), que propõe um refinamento terminológico para o fenômeno antes denominado *transmutação*.

Em seu trabalho, Costa (2010) substitui esse termo pela expressão *reelaboração de gêneros*^{vii} com o argumento de que “a ideia de reelaboração de gêneros faz mais jus às ideias de Bakhtin sobre o caráter socialmente situado das práticas de linguagem do que a de transmutação.” (COSTA, 2010, p. 59). Em outras palavras, como as mudanças nos gêneros ocorrem devido a novas necessidades do homem, há que se pressupor que esse impulso sobre as distintas manifestações genéricas, sejam elas em meio impresso ou digital, é “consciente, socialmente convencional e portanto minimamente controlável” (p. 62). A ideia de reelaboração, como Costa (2010) adiciona,

realça o protagonismo humano, desfazendo a ambiguidade anteriormente criada.

Dessa forma, em nosso trabalho, adotaremos a postura de Costa (2010) e de Costa e Araújo (2011) e passaremos a denominar o fenômeno de mesclas ou assimilações entre gêneros como *reelaboraões*. Em consonância com estes autores, então, acreditamos que, subjacente à mudança nos gêneros está sempre a atividade humana, pois qualquer mudança que ocorra nos gêneros necessita da intervenção de um sujeito que, por sua vez, é impulsionado por uma necessidade enunciativa. Optamos por esta nomenclatura, inclusive, porque ela faz jus às ideias de Bakhtin, o criador deste conceito, no sentido de denotar o caráter socialmente situado dos fenômenos que permeiam as práticas de linguagem. Isto significa que a mudança de um termo pelo outro não é apenas lexical, mas semântica, na medida em que assume implicações teóricas importantes para o analista que deseja estudar a dinâmica formativa dos gêneros na web ou fora dela.

2 ALGUNS CONTORNOS METODOLÓGICOS

Nossa pesquisa configura-se por uma abordagem de cunho qualitativo e descritivo, na medida em que não prezamos por quantificar os fenômenos relacionados às práticas de linguagem na web, mas sim por realizar a descrição e interpretação dos dados. Dada a variabilidade de manifestações linguísticas por nós abordada, teremos que empreender uma espécie de costura nos dados de forma a estudá-los sob uma única perspectiva de análise, a do regime hipermodal que os caracteriza, construindo assim uma linha de pensamento para envolver as três práticas linguísticas elencadas.

Como nosso trabalho surgiu de um projeto^{viii} cujo objetivo era mapear o conhecimento que é produzido no grupo de pesquisa Hiperged, a construção dos dados analisados no presente artigo aconteceu da seguinte maneira: procedemos à utilização dos *corpora* de mestrandos e doutorandos do PPGL da UFC pertencentes a esse grupo, que tinham como objeto as práticas de linguagem na web. A partir desse princípio norteador, deparamo-nos com pesquisas relacionadas às mesclas de gêneros que podem se concretizar no scrap do Orkut (LIMA-NETO, 2009), e à reelaboração de gêneros audiovisuais que migram entre web e TV (COSTA, 2010).

De posse do vasto *corpus* de que cada pesquisador dispunha para a sua análise, selecionamos exemplares de cada prática de linguagem abordada neste trabalho. Essa seleção deu-se com base no seguinte critério: um exemplar do *corpus* que evidencie para o leitor não somente a prática de linguagem à qual pertence, mas também as categorias de análise aqui utilizadas. Estas categorias, de acordo com a ordem dos trabalhos que foram apresentados anteriormente, são: *mescla no scrap por co-ocorrência de gêneros* (LIMA-NETO, 2009) e *a reelaboração de gênero com inclinação estandardizada* (COSTA, 2010). Essas categorias foram escolhidas por dois principais motivos: primeiramente, todas elas estão permeadas pelo protagonismo humano sobre os fenômenos que abordam, sendo resultados de necessidades do homem em suas práticas de linguagem. Além disso, elas ainda comungam algumas aproximações teóricas: as mesclas no scrap e a reelaboração de gêneros estão intimamente ligadas através do fenômeno da reelaboração, que procede de Bakhtin (2006).

Na seção seguinte, iniciamos a análise dos dados, e, a partir daí, são construídas reflexões entre o que os dados nos mostram e o regime semiótico hipermodal constitutivo da web

2.0. Este, por sua vez, consiste na verdadeira motivação deste trabalho, pois é ele que redimensiona as práticas de linguagem na web de forma a conferir-lhes mais saliência.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

3.1 Mesclas de gêneros no scrap do Orkut

A partir da análise dos *corpora* e do apanhado teórico realizado para fundamentar este trabalho, passamos à apreciação crítica sobre as práticas de linguagem referentes às mesclas intergenéricas no scrap do Orkut. O exemplar do *corpus* de Lima-Neto (2009), que também analisamos neste trabalho, representa uma das categorias construídas por esse autor sobre as mesclas que se efetivam no *scrapbook*, a *mescla por co-ocorrência de gêneros*. Este fenômeno caracteriza-se, como a própria terminologia já denuncia, pela co-ocorrência de dois ou mais distintos gêneros, que não concorrem nem se hibridizam efetivamente, no sentido de ocorrer uma mistura ou bricolagem. Vejamos a manifestação dessa categoria de mescla na figura abaixo:



Figura 1: Comodificação de felicitação. Fonte: Lima-Neto (2009, p. 170)

À primeira vista, é possível considerar a figura 1 apenas como um cartão digital, mas, ao observamos sua relação com o suporte, podemos flagrar outros aspectos que nos fazem repensar essa categorização. Por exemplo, o título “Feliz Aniversário” nos mostra que este cartão tem o propósito comunicativo de felicitar um coenunciador por ocasião de seu aniversário. Essa tradicional forma de desejar felicitação, que remete o receptor da mensagem à época em que ela era utilizada em cartões enviados/recebidos na forma impressa e adquiridos em lojas específicas, migrou para a web 2.0 e sofreu um redimensionamento, o que causou, de acordo com Lima-Neto (2009), o processo de *transmutação inovadora interna*. No entanto, como pretendemos abordar a terminologia proposta por Costa (2010), passamos a classificar tal gênero como resultado de uma *reelaboração inovadora interna*.

Dizemos, então, que a reelaboração é inovadora porque o cartão sofreu um processo de autorrecriação ao se atualizar no Orkut. Isso significa que não estamos diante de um novo gênero, pois essa transformação se deu na instância interna, sem envolver um segundo gênero, e foi motivada pela migração do cartão de felicitação do impresso para o virtual, isto é, pela mudança de *midium*. Uma outra consequência dessa migração do gênero para a web 2.0 que também ratifica a influência do suporte é a simulação de fogos de artifício, que alude a um sentimento de festividade por parte do enunciador. Além dessa animação e do texto escrito, a convergência de mídias envolve também uma música de fundo, cujo nome e cantor podemos identificar no interior do retângulo número 1: “Música: Aline Barros – Parabéns pra Você”. Assim, quando o receptor abre seu *scrapbook*^{ix}, ativará estruturas cognitivas mais complexas, relacionadas a um letramento hipertextual^x para compreender a mensagem, que dispõe da amálgama de várias semioses.

No segundo retângulo, identificamos o que Fairclough (2001) denomina *comodificação*, ou seja, a promoção de um produto ou serviço. Essa comodificação, segundo Lima-Neto (2009), é recorrente nas práticas de linguagem da web, o que reflete nos gêneros as práticas sociais de estímulo à compra e venda de produtos, oriundas do sistema capitalista. Isso ocorre porque, como o próprio pesquisador menciona, o gênero é “um construto sociocognitivo” que faz uso da linguagem e que reflete uma prática social (p. 165). A comodificação, materializada aqui como o endereço eletrônico do site que apresenta cartões digitais para várias ocasiões, é percebida no segundo e no terceiro retângulos que, na verdade, são links que direcionam o internauta para o site em que há outros exemplares de cartões digitais similares. Vale salientar que a estrutura imperativa da frase “clique aqui” dentro do terceiro retângulo, cuja função é persuadir o leitor a desenvolver determinada atitude/postura, é amplamente utilizada no gênero anúncio publicitário.

Esse caso específico em que um scrap é formado por anúncio publicitário acompanhado por um outro gênero é chamado por Lima-Neto (2009) de *scrap promocional*, categoria que consideramos apropriada tendo em vista que, além de conferir o *status* de gênero ao scrap, também veicula a ideia de influência de práticas mercadológicas no próprio gênero. Em outras palavras, ao fazer o uso da palavra *promocional*, o autor não somente nos leva a pensar na promoção (do verbo promover) de um produto no sentido de que seja fomentada sua aquisição, mas também parece deixar implícita a ideia de estratégias de mercado utilizadas para vender produtos por preços acessíveis, que são conhecidas como *promoções*.

Assim, vemos que há aqui uma *co-ocorrência dos gêneros cartão digital e anúncio publicitário*, originando, segundo Fairclough (2001), um gênero parcialmente híbrido. No entanto, verificamos, na terminologia utilizada por esse autor, a ideia redundante de hibridização na medida em que todos os gêneros discursivos, em sua essência, são híbridos, como o próprio Bakhtin ([1929] 2000)^{xi} já havia previsto com seus conceitos de dialogismo e polifonia textuais.

Não achamos produtiva a terminologia *gênero parcialmente híbrido* porque a hibridização já pressupõe a bricolagem, a mistura ou a miscelânea entre dois objetos de análise, em qualquer nível de complexidade. Sugerimos, então, a remoção dessa expressão, pois julgamos suficiente a assertiva de que os gêneros, na *mescla por co-ocorrência*, não se conglomeram ou se fundem, mas apenas coexistem, sem haver absorção de traços uns dos outros. Propomos, por conseguinte, a utilização da ideia de que o gênero é resultante de uma *mescla de gêneros por co-ocorrência*, na medida em que, apesar de co-ocorrerem para atingir um determinado propósito comunicativo, eles não se hibridizam a ponto de haver uma combinação de seus traços constitutivos.

No final do scrap, vemos ainda, sinalizada por uma seta, uma mensagem alheia ao gênero, inserida pelo enunciador como um complemento à imagem, embora ambas possam existir isoladamente. Vejamos a mensagem: “*linda queria te desejar parabens pessoalmente mas como não posso deixo essa linda mensagem. felicidades. saudades.*” É notória, em nosso objeto de análise, a saliência do cartão e do anúncio publicitário frente à mensagem escrita do enunciador, o que nos faz considerar aqui que os propósitos comunicativos de felicitar e de promover o site são muito mais explícitos e contundentes.

Isso pode ser explicado por Kress e van Leeuwen (2006), que utilizam como uma de suas categorias de análise a *saliência*, que consiste nos níveis de importância de que alguns signos dispõem para a construção do significado. De acordo com os autores, os elementos mais salientes apresentam maior destaque em uma imagem, de forma a atrair os olhos do leitor para a informação que contém a essência daquela produção comunicativa. Assim, em aquiescência a Lima-Neto (2009), reiteramos que a *mescla de gêneros por co-ocorrência* é caracterizada por uma mistura de padrões genéricos que apenas co-ocorrem, sem que um gênero invada o espaço um do outro, convergindo para a criação de um gênero maior composto pela co-ocorrência de gêneros outros na medida em que, juntos, eles atendem a um propósito comunicativo mais complexo.

Exemplos como o analisado acima apontam para o fato de que a web 2.0 potencializa fenômenos relacionados às práticas de linguagem como a interconexão de distintas semioses e gêneros, além da intersecção entre as diversas esferas comunicativas, o que configura o ambiente digital, inclusive o scrap, como volátil e de alto poder absorvivo. Mas a influência da web 2.0 e do regime hipermodal não está restrita apenas aos fenômenos que envolvem as redes sociais, como o Orkut, mas também atinge repositórios de vídeos, como YouTube.

3.2 Mudança de suporte: da TV para a web

Passamos então à apreciação crítica sobre as relações entre os fenômenos hipertextuais que se efetivam durante o processo de migração de gêneros audiovisuais entre a TV e a web. Para a análise do exemplar do *corpus* de Costa (2010), utilizamos como critério o fenômeno da *reelaboração de gêneros*, o qual já foi explicado anteriormente.

Abaixo, a figura 2 ilustra o trecho do conteúdo audiovisual intitulado “Eu Sou Rica (Pobreza Pega) – Dj Rafael Lelis Feat Vj José Del Duca”, postado em 16 de setembro de 2010 no YouTube. Ele é composto por fragmentos de cenas de mais de uma dezena de antagonistas femininas de telenovelas, a maioria pertencente à Rede Globo de Televisão. As cenas apresentam tais antagonistas atuando em cenas originais, porém apenas em alguns momentos são mantidas as falas. Complementando essa sucessão de imagens aparece o modo sonoro, perpassado por uma

música de fundo, o que confere um ritmo e também um tema musical ao conjunto: a valorização de uma classe social abastada em detrimento daqueles que não possuem poder aquisitivo. De acordo com Costa (2010), há uma relação de complementaridade entre as falas das personagens e esse fundo musical, pois essas falas servem como letra da música aliada a um arranjo. Prova disso é que podemos distinguir estrofes, intercaladas por períodos com apenas música instrumental remixada, e refrãos, como o *Eu Sou Rica*^{xiii}.



Figura 2: A vilã Flora, de “A Favorita”, representada como cantora a partir de cena da telenovela. Fonte: Costa (2010), p. 126

Quanto à estrutura organizacional do vídeo, verifica-se que os fragmentos imagéticos são desconexos entre si, o que, como Costa (2010) reitera, remete-nos ao gênero *videoclipe*, capaz de confrontar os parâmetros tradicionais da narratividade através da associação de imagens com música e não das imagens entre si. Nesse caso, como vemos com o vídeo “Eu sou Rica”, o propósito não é transmitir uma história baseada em um enredo, um roteiro, característica essa recorrente na cinematografia, por exemplo. Nesse caso, o objetivo maior é divulgar um tema musical específico.

Com relação à migração dos gêneros entre a web e a TV, as cenas originais de telenovelas sofrem um redimensionamento através da ação de um espectador/internauta e tornam-se videoclipe ao serem postadas no ambiente virtual. Costa (2010) denomina de *reelaboração criadora* esse fenômeno tendo por base a categorização que Zavam (2009) faz do conceito bakhtiniano de transmutação. Como já foi dito em seção anterior deste trabalho, a transmutação criadora é um processo que implica na criação de um gênero novo a partir de um gênero antigo. Costa (2010), no entanto, baseia-se na ideia bakhtiniana de que os gêneros emergentes nunca são puros, mas resguardam traços de gêneros antigos e, por isso, propõe uma mudança nesse conceito. Ele afirma que a *reelaboração criadora* não necessariamente suscita o aparecimento de um novo gênero, mas pode provocar a atualização ou autorrecriação do gênero de forma que ele esteja classificado como mais ou menos estandardizado, de acordo com o grau de reconhecimento e estabilização que esse gênero tem na sociedade.

Nosso exemplar de análise, por exemplo, consiste na reelaboração da cena de telenovela para o videoclipe. Nesse caso, o videoclipe já existia e era até relativamente estável e de fácil reconhecimento antes mesmo de essa migração de gêneros acontecer, portanto o videoclipe “Eu Sou

Rica” não constitui um gênero novo, o que faz com o autor classifique sabiamente todo esse processo como *reelaboração criadora de um gênero com inclinação estandardizada*.

Outros fatores que ratificam que o gênero resultante da reelaboração é o videoclipe podem ser verificados tanto no próprio vídeo quanto na plataforma YouTube. Primeiramente identificamos a presença dos créditos inseridos pelos próprios “autores”, como mostra a figura 3, modo textual esse que é comum em videoclipes exibidos na TV. Eles contêm, normalmente, informações referentes ao nome da música, do intérprete, do álbum e/ou CD e até da gravadora.



Figura 3: Frame do vídeo “Eu Sou Rica (Pobreza Pega) – Dj. Rafael Lelis Feat Vj José Del Duca, com crédito dos “autores” Fonte: Costa (2010), p. 71)

Além disso, vemos que esses créditos estão presentes tanto no título do videoclipe, quando na seção de *descrição do vídeo*, o que sinaliza para uma suposta redundância dessas informações. Consideramos também importante o fato de que os próprios autores do vídeo, o Dj Rafael Lelis e o Vj José Del Duca, atribuem ao conteúdo a nomenclatura *videoclipe* pois, em conformidade com Kress (2010), os nomes atribuídos às nossas práticas revelam como nos posicionamos e interpretamos o mundo, e isso nos faz supor que os próprios autores da reelaboração desse vídeo têm consciência do gênero com o qual estão lidando. Portanto, essa terminologia também é reproduzida pelos internautas que possuem conta no YouTube e postam comentários.

Vemos que o fenômeno da migração de gêneros audiovisuais entre a TV e a web, além de dever sua existência à atividade humana e servir a propósitos comunicativos específicos, suscita fenômenos no âmbito dos gêneros, fenômenos esses que consistem no redimensionamento ao novo suporte que o engloba, no caso, a web 2.0.

ALGUMAS REFLEXÕES FINAIS

As distintas práticas de linguagem analisadas neste trabalho, reunidas sob o escopo da web 2.0, constituem apenas um pequeno recorte de pesquisas desenvolvidas no grupo Hiperged, mais precisamente dos pesquisadores Lima-Neto (2009) e Costa (2010). A partir da análise desses dados em nosso trabalho, constatamos uma significativa influência da web 2.0 e de seu caráter colaborativo nos fenômenos que nela se instauram. Na sequência, faremos um breve apanhado das reflexões que obtivemos com cada etapa da análise e discussão dos dados.

Com os estudos sobre o scrap do Orkut, verificamos que distintas semioses e estruturas de linguagem, sejam elas verbais ou não-verbais, integram-se de maneira mais intrínseca, de forma que processos que se davam no meio impresso adquirem uma maior complexidade estrutural e cognitiva como, por exemplo, as mesclas de gêneros. Tais fenômenos, por ocorrerem em ambiente digital, parecem adquirir uma maior amplitude e complexidade, o que sinaliza para uma influência da web 2.0 no processo de reelaboração de gêneros e no redimensionamento desses gêneros para adaptar-se ao suporte em que se atualizam.

A transposição de gêneros audiovisuais da TV para a web, por sua vez, sinalizou, novamente para a adaptação sofrida pelo gênero capítulo de telenovela para tornar-se videoclipe através da reelaboração criadora. Houve uma descaracterização do gênero antigo em decorrência de necessidades comunicativas dos espectadores-internautas, o que suscitou uma adaptação do conteúdo audiovisual resultante à essência hipermodal da web e ao site YouTube.

A partir da análise dessas duas pesquisas, saltou aos nossos olhos o fato de que todos os fenômenos decorriam da necessidade de satisfazer necessidades enunciativas do usuário de internet. Parece-nos que as potencialidades do ambiente digital são de tal maneira atrativas, que são capazes de incitar a ação humana sobre o conteúdo que já está ou que vai ser indexado à web. Essa característica marca justamente uma das principais características da web 2.0, que é a colaboração/compartilhamento, que faz do internauta não mais um mero usuário, mas um participante ativo na construção do universo digital, ao qual ele terá de adaptar-se, desenvolvendo letramentos, e adaptar o conteúdo com o qual lida na rede. Além disso, pressupomos uma influência significativa do suporte digital sobre o conteúdo que nele se instaura, como bem ressalta Távora (2008), tema esse que já é objeto de pesquisas em andamento no nosso grupo de estudos.

De posse desses resultados, verificamos que o estudo empreendido neste trabalho pode ser significativo para futuras pesquisas sobre o ambiente digital e sobre a própria web 2.0 na medida em que os dados sinalizam para uma potencialização de fenômenos relacionados às práticas de linguagem em ambiente digital, o que demanda pesquisas para a compreensão e uso de tais práticas. Uma das mais importantes conclusões a que chegamos sinaliza para a tese de que nem toda atividade de linguagem que migra para web é, necessariamente, um novo gênero discursivo, como podem pressupor algumas análises apressadas. Na verdade, o que existem são misturas de padrões genéricos que apenas co-ocorrem, levando-nos a analisar fenômenos como as *mesclas de gêneros por co-ocorrência*. Tais mesclas acontecem por meio *reelaborações*, como aquelas que emanam de possíveis criações de um gênero com inclinação estandardizada. Esse aspecto aponta apenas para prudência acadêmica que, antes de reivindicar status de gênero discursiva para toda e qualquer prática de linguagem que migre para web, procure, antes, compreender o fenômeno da emergência de gêneros.

É também possível que tais práticas de linguagem, devido ao estado “beta eterno” da web 2.0 mencionado por Primo e Recuero (2006), continuem a evoluir e a se complexificar ainda

mais de forma que futuras análises serão necessárias para delimitar o impacto que a web tem sobre a sociedade e as práticas de linguagem que nela se efetivam.

Como empreendemos uma análise restrita aos exemplares utilizados em decorrência de se fazer um recorte para esse artigo, ressaltamos que outros aspectos sobre a web 2.0 e sobre os fenômenos que a permeiam podem ser contemplados em outras pesquisas em nosso grupo Hiperged, como, por exemplo, a caracterização do blog como constelação de gêneros, o estudo do letramento digital como subcategoria do letramento hipertextual, a variação linguística utilizada em ambiente digital com o propósito comunicativo de manter a identidade de uma determinada comunidade discursiva ou até mesmo os gêneros que emergem em sites de relacionamento como o Twitter e o Facebook.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARAÚJO, J. C. *Os chats: uma constelação de gêneros na internet*. 2006. 341 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-graduação em Linguística da UFC, Fortaleza, 2006.
- AQUINO, M. C. *Hipertexto 2.0, folksonomia e memória coletiva: um estudo das tags na organização da web*. 2007. Disponível em: <<http://www.compos.org.br/seer/index.php/e-compos/article/viewArticle/165>> Acesso em 18/09/2010.
- BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, [1929] 2006.
- BUSH, V. As we may think. *The atlantic monthly*, vol. 176, v. 1, julho de 1945. Disponível em <<http://www.theatlantic.com/doc/194507/bush>> Acesso em: 15 fev. 2011.
- COSCARELLI, C. V. Entre textos e hipertextos. IN: COSCARELLI, C. V. (Org.). *Novas tecnologias, novos textos, novas formas de pensar*. 3 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2006, p. 65-88.
- COSTA, R. R. *A TV na web: percursos da reelaboração de gêneros audiovisuais na era da transmídia*. Dissertação (Mestrado em Linguística). Fortaleza: Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Ceará, 2010.
- COSTA, R. R.; ARAÚJO, J. C. A reelaboração do gênero telenovela na migração entre suportes audiovisuais. *Anais do VII Congresso Internacional da Abralin*. Curitiba, 2011, p. 3630-3644
- FAIRCLOUGH, N. Análise crítica do discurso e a mercantilização do discurso público: as universidades. Trad. de Célia Magalhães. In: MAGALHÃES, C. (Org.). *Reflexão sobre a crítica do discurso*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras, FALE, UFMG, 2001 p. 31-81.
- GOMES, F. G. *Hipertextos multimodais: o percurso de apropriação de uma modalidade com fins pedagógicos*. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada). Campinas: IEL/UNICAMP, 2007.
- Kress, G. *Multimodality – A social approach to contemporary communication*. New York: Routledge, 2010.
- KRESS, G. VAN LEEUWEN, T. *Reading images: the grammar of visual design*. 2 ed. London; New York: Longman [1996], 2006.
- LIMA, J. P. E. de. *Blog(ueiros): critérios para o estudo de comunidades discursivas globais e locais*. Dissertação (Mestrado em Linguística). Fortaleza: PPGL/UFC, 2008.
- LIMA-NETO, V. de. *Mesclas de gêneros no Orkut: o caso do scrap*. 2009. 213 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística da UFC, Fortaleza, 2009.
- LOBO-SOUSA, A. C. *Hipertextualidade: convergências enunciativas em hipertextos*. 2009. 151 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística da UFC, Fortaleza, 2009.
- LOBO-SOUSA, A. C.; ARAÚJO, J. C.; PINHEIRO, R. C. Letramentos que emergem da

hipertextualidade. In: ARAÚJO, J. C.; DIEB, M. (Orgs.) *Letramentos na web: gêneros, interação e ensino*. Fortaleza: Edições UFC, 2009.

O'REILLY, T. *What is Web 2.0: design patterns and business models for the next generation of software*. 2005. Disponível em: <<http://www.elisanet.fi/aariset/Multi-media/Web2.0/What%20Is%20Web%202>>. Acesso em: 16 mai. 2008.

PRIMO, A.; RECUERO, R. da C. *A terceira geração da hipertextualidade: cooperação e conflito na escrita coletiva de hipertextos com links multidirecionais*. *Líbero (FACASPER)*, v. IX, p. 83-93, 2006.

RECUERO, R. *Redes sociais na Internet*. Porto Alegre, Sulina, 2010.

RIBEIRO, A. E. Os hipertextos que Cristo leu. In: ARAÚJO, J. C.; BIASI-RODRIGUES, B. (Orgs.). *Interação na Internet: novas formas de usar a linguagem*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005, p. 124-130.

RIBEIRO, A. E. Hipertexto e Vannevar Bush: um exame de paternidade. In: *Inf. & Soc.: Est.*, João Pessoa, v. 18, n. 3, p. 45-58, set. dez 2008.

TÁVORA, A. D. F. *Proposta de construção teórica para o conceito de suporte de gêneros*. 2008. 178f. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística da UFC, Fortaleza, 2008.

ZAVAM, A. Por uma abordagem diacrônica dos gêneros do discurso à luz da concepção tradição discursiva: um estudo com editoriais de jornal. 2009. 420 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística da UFC, Fortaleza, 2009.

- i Agradecemos ao CNPq pelo apoio dado em forma de bolsa PIBIC para o segundo autor.
- ii Aqui adotamos o conceito de hipertextualidade segundo Lobo-Sousa (2009), que define essa noção como um conceito ontológico que se materializa em manifestações de linguagem denominadas hipertextos, independentemente de suas variações composicionais, estilísticas, temáticas, interativas e dos propósitos comunicativos a que se destinam. Sobre as gerações da hipertextualidade, remetemos o leitor para Primo e Recuero (2006).
- iii Sobre essa metáfora, Bush (1945) destaca, em seu artigo intitulado *As we may think*, a não-linearidade como uma característica constitutiva do ser humano, cujos pensamentos estão dispostos em uma rede tão complexa e cheia de nós que muitas vezes um pensamento acaba levando a outro e assim por diante. Assim, não somente as práticas discursivas que emergem da leitura e da escrita são não-lineares, mas também o próprio pensamento humano.
- iv <http://www.wikipedia.org/>
- v Expressão que indica a constante mutação pela qual passa as interfaces e os programas feitos para web.
- vi Grupo de pesquisa vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGL) da Universidade Federal do Ceará (UFC). Site: www.hiperged.ufc.br.
- vii Na última tradução de Estetika Sloviénsnova Tvórtchestva (BAKHHTIN, 1979) em 2003, Paulo Bezerra, ao tratar dos gêneros secundários, optou pelo termo “reelaboração” em substituição ao termo “transmutação”. Quem atentou para essa alteração na tradução da obra e, a partir daí, construiu uma boa argumentação em prol da substituição de um termo pelo o outro foi Costa (2010) e Costa e Araújo (2011).
- viii Projeto (já concluído em 2010) intitulado “Práticas de linguagens na web: links entre gêneros, letramentos, hipermodalidade e convergências de mídias (Etapas I e II)”, coordenado pelo primeiro autor.
- ix Denominamos de *scrapbook* a seção do site de relacionamentos Orkut que congrega todos os recados recebidos pelo usuário de uma determinada conta.
- x Sobre a noção de letramento hipertextual, remetemos o leitor para o trabalho de Lobo-Sousa, Araújo e Pinheiro (2009).
- xi A partir desses conceitos, pode-se pelo menos pressupor que o pensador russo já havia dado indícios da heterogeneidade discursiva. O dialogismo reitera que nenhum texto existe sem que haja uma correlação, um diálogo com textos previamente produzidos através de seus discursos. A polifonia, por sua vez, acrescenta que, nesse mesmo texto, há vozes de outros autores.
- xii O vídeo *Eu Sou Rica* suscitou a criação de um meme, construído com essa mesma expressão, que consiste em uma ideia, impregnada de valores, capaz de ser reproduzida numa dada cultura, o que pode, inclusive, influenciar comportamentos de indivíduos desta comunidade cultural (RECUERO, 2010). O *Eu Sou Rica*, por exemplo, tem em si a ideia de valorização de riqueza material e, portanto, difundiu essa forma de pensar na internet, já que o vídeo foi divulgado de maneira viral.